

Mulheres Negras Empreendedoras E Seus Comportamentos De Superação¹

Hillary de Lima FEITOSA²
Keysa Manuela Cunha de MASCENA³
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

A trajetória de empreendedoras negras nos leva a transitar pelo contexto histórico social em que estão inseridas, considerando a intersecção de raça e gênero e como isso afeta a sua jornada profissional. O objetivo dessa pesquisa é analisar os desafios e os comportamentos de superação desenvolvidos por essas mulheres. Para alcançar esse objetivo, propõe-se uma pesquisa exploratória-descritiva através de entrevistas individuais com empreendedoras negras. Os resultados evidenciam que a interseccionalidade de raça e gênero impacta a maneira de empreender de mulheres negras, seus desafios e comportamentos de superação. Embora estudos anteriores tenham discutido seus desafios, esse estudo contribui ao aprofundar e identificar comportamentos de superação, sendo eles: sororidade, aquilombamento, resiliência e aprendizado contínuo.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo negro; Empreendedorismo feminino; Raça; Gênero.

1 INTRODUÇÃO

Ao abordar o empreendedorismo feminino negro e seus comportamentos de superação, compele-se iniciar debatendo as categorias sociais em que a mulher negra está inserida e o que isso impacta no seu negócio. Como Machado e Paes (2021) afirma: “a mulher negra abarca em si mesma, várias formas de identidades de minorias sociais por meio da denominada interseccionalidade. Esse conceito fica evidente ao pensarmos que a mulher negra carrega consigo outras categorias como gênero, raça e classe”. Com isso, entende-se que a trajetória de empreendedoras negras não pode ser vista sem o contexto social que estão inseridas, pois muitas vezes é esse meio que define as oportunidades que lhe serão ofertadas, o modo como serão tratadas, as dificuldades que enfrentarão e até mesmo, o que esse estudo busca identificar, a forma como elas superam essas adversidades. Evidenciando a necessidade de levar em consideração a

¹ Trabalho apresentado no IJ07 - Comunicação, espaço e cidadania da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Discente de Graduação TCC do curso de Publicidade e Propaganda da Unifor, email: hillary022@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora da Pós-Graduação da Unifor, email: keysamascena@unifor.br

intersecção de raça e gênero no estudo de comportamentos dessas empreendedoras (Silva e Souza, 2017; De Oliveira, Santos e Oliveira, 2021; Ojediran, Discua Cruz, e Anderson, 2022; Murphy, 2023; Norman, Aiken, e Greer, 2024).

De acordo com o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) em 2021, iniciar um negócio devido à “escassez de empregos” foi o motivo mais presente entre pretos e pardos (80%), com aproximadamente 10 pontos percentuais a mais do que entre os brancos. Ao olhar para a mesma análise feita seccionando por gênero, encontra-se a mesma motivação predominante. Expondo o quanto a necessidade está ligada ao início de empreendimentos de mulheres e pessoas negras, e apontam a falta de empregos e oportunidades que eles enfrentam, sendo necessário buscar em si mesmos os recursos fundamentais para seu sustento, encarando o desafio de empreender, lidar com as incerteza de um negócio e resistir aos preconceitos existentes no mercado que já afetam sua trajetória (Duarte e Spinelli, 2019; Samparo, 2017; Oliveira, Pereira e De Souza, 2013; De Aguiar, Nassif e Garçon, 2023; Norman, Aiken, e Greer, 2024).

Embora os estudos anteriores tenham focado nas características, dificuldades e desafios da mulher negra empreendedora, os seus comportamentos de superação ainda são pouco explorados. Além disso, considerando a ampla literatura sobre empreendedorismo, ainda são poucos os estudos que focam em mulheres negras empreendedoras, o que resulta em uma escassez de estratégias para que as mulheres negras desenvolvam suas carreiras empreendedoras (Norman, Aiken, e Greer, 2024). Portanto, para contribuir à discussão sobre empreendedorismo feminino negro, esse estudo acrescenta para a literatura a investigação dos comportamentos de superação das mulheres negras empreendedores para estabelecerem seus empreendimentos. Portanto, o objetivo da pesquisa é analisar os desafios e os comportamentos de superação desenvolvidos pelas mulheres negras empreendedoras.

Por meio de uma pesquisa qualitativa com método indutivo, esse estudo investigou as motivações para empreender, os desafios enfrentados e os comportamentos de superação para enfrentar os desafios da trajetória empreendedora da mulher negra. Ao lançar uma luz sobre esse assunto, a fim de fomentar reflexões e debates frente às consequências de preconceitos como racismo e sexismo, busca-se contribuir para políticas e ações afirmativas voltadas para essas mulheres.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O empreendedorismo feminino negro é visto como uma categoria diferente do “empreendedorismo feminino” e do “empreendedorismo negro”, pois a mulher negra enfrenta adversidades vindas não apenas de um conceito como raça ou gênero, mas sim, dessas duas identidades e seus respectivos desafios (Schachter, 2022).

Um importante ponto inicial é o olhar sob o contexto histórico, de acordo com Bonomo (2014), é possível destacar as “quitandeiras” assim denominadas as negras que realizavam vendas em tabuleiros, vistas como “escravas de ganho” pelos patrões, representando possibilidades de libertação tanto para si quanto para seus filhos e companheiros com o excedente que lhe sobrava, sendo apenas uma parte da realidade dessas mulheres, isso nos traz como mulheres negras recorriam ao empreendedorismo desde muito cedo na história, não por oportunidade, mas pela necessidade, algo que ainda pode ser visto hoje em dia.

Como Machado e Paes (2021) afirmam, os empreendimentos de mulheres negras ocorrem desde o fim do período de escravização em meados do século XIX, isso sendo recorrente pela falta de espaço no mercado de trabalho para elas, que eram discriminadas e silenciadas, restando se contentar com o lugar de empregadas domésticas, que antes ocupavam dentro das casas dos senhores de engenho.

É importante trazer essa contextualização, porque o empreendedorismo feminino negro não entra no conceito de empreendedorismo e características do empreendedor comum, como aquele que empreende por oportunidade e se assemelha ao que foi definido por Alves, Fonseca e Fonseca (2021) como empreendedor shumpeteriano, conhecido por sua habilidade em criar novas oportunidades e de inovar a partir da exploração comercial. Pelo contrário, essas empreendedoras são marcadas pela dificuldade de se localizar no mercado de trabalho, devido à escassez de vagas para elas, sendo sua única saída se virarem por conta própria.

Conforme Dos Santos Baia e Costa (2022) nos mostra que a construção do próprio negócio não representa apenas uma forma de sustentação financeira, mas um caminho para se inserir econômica, política e socialmente, principalmente para mulheres negras que tiveram seu acesso negado no mercado de trabalho e precisaram recorrer à abertura dos seus empreendimentos como forma de sobrevivência. Sendo importante ressaltar, a tendência delas em empreender como forma de trazer impacto

para a sua comunidade, podendo ser mencionado como exemplo histórico a Madam C.J. Walker, conhecida por ser a primeira empreendedora negra a alcançar 1 milhão de dólares, que vendia elixires capilares que ela criou para mulheres de cabelos cacheados e crespos, mas não apenas isso, ela atuava no empoderamento negro incentivando a valorização da beleza negra, bem como de seus traços e negritude (Dos Santos Baia e Costa, 2022).

3 METODOLOGIA

Para atingir o objetivo da pesquisa de analisar os desafios e os comportamentos de superação desenvolvidos pelas mulheres negras empreendedoras, empreendeu-se uma pesquisa qualitativa básica exploratória, empregando-se o método indutivo. Como Neves (1996) afirma a preocupação ao utilizar métodos qualitativos reside no entender o processo social, visando entender o contexto, de maneira empática com o objeto de estudo implicando em uma melhor compreensão do fenômeno observado.

Os dados da pesquisa foram coletados no período de setembro de 2023 a fevereiro de 2024. Sendo realizado através de entrevistas individuais semiestruturadas com 10 empreendedoras negras, com uma faixa etária entre 18 e 60 anos, com negócios abertos há mais 1 ano, de diferentes ramos. Para recrutar os participantes foi adotada a técnica de *snowball*, técnica de amostragem em que os primeiros participantes indicam outros para participarem da entrevista. A abordagem aos participantes foi por meio de redes sociais, identificando-se empreendimentos fundados por mulheres negras e enviando-se mensagem com convite. Além disso, foram solicitadas indicações de profissionais relacionados ao fomento ao empreendedorismo. Para preservar a identidade das empreendedoras, seus nomes próprios foram substituídos por nomes de mulheres negras que foram pioneiras em cultura, política e ciência.

As entrevistas foram gravadas após consentimento das entrevistadas, tiveram uma duração média de 30 a 60 minutos, sendo transcritas com a utilização do software Sonix.ai. As entrevistas buscaram compreender as experiências das mulheres empreendedoras, contemplando a sua trajetória empreendedora, os desafios enfrentados e as formas de superação. Elaborou-se um roteiro de entrevista semiestruturada com base na literatura pesquisada. A análise de dados foi realizada por meio da análise

temática. Os temas não foram pré-definidos e emergiram a partir da codificação e análise das entrevistas.

4 RESULTADOS

Para analisar os comportamentos de superação fez-se necessário entender a realidade dessas empreendedoras e suas trajetórias, culminando na identificação das suas motivações - sendo aqui caracterizadas como as condições relacionadas ao indivíduo, ao seu contato com o ambiente e cultura, explicando o “por que queremos o que queremos” e “por quem faz o que faz”, como afirma Alves, Fonseca e Fonseca (2021) - os desafios enfrentados e por fim, os comportamentos de superação para lidar com tais adversidades.

4.1 MOTIVAÇÕES INTERNAS E EXTERNAS

Iniciando com a análise das motivações, classificou-se em motivações internas e externas, configurando-se em Internas: 4.1.1 Propósito; 4.1.2 Ativismo Social; 4.1.3 Classe social/Necessidade. Externas: 4.1.4. Luta pelo espaço; 4.1.5 Influência da família e mentores.

4.1.1 *Propósito*

Caracteriza-se como a vontade e a visão das empreendedoras do impacto que estão causando na sociedade, em suas comunidades e para seus clientes através dos seus empreendimentos. Podendo ir desde ajudar e orientar outras empreendedoras no início para que consigam sua emancipação até a elevação da autoestima de mulheres negras através de acessórios que valorizam os traços negróides ou no impacto ao meio ambiente, como por exemplo na fala de duas empreendedoras:

“...porque empreender só faz sentido se for para contribuir. Se não, não faz sentido.” - Antonieta de Barros

“Eu acho que eu gosto da troca, sabe? De tanto de produzir, tanto essa troca comigo mesmo, que é de experiência, que é de conhecimento, que é de estudar. Quanto eu gosto de ver o resultado daquilo que eu faço nas pessoas. Sabe essa questão que eu te falei? Da autoestima, de produzir adornos em que a pessoa possa expressar a singularidade dela sem ser julgada por aquilo ou usar peças que foram criminalizadas e você poder ressignificar aquilo de forma a ser belo. Eu acho que isso para mim, no momento tem sido assim. A maior satisfação de ver essa arte perambulando por aí.” - Maria Firmina dos Reis

“Eu saber que o que eu faço não é só uma prestação de serviço, sabe? É trabalhar com algo que de fato faz parte da minha história, faz parte da minha comunidade enquanto mulher negra, né?” - Teresa de Benguela

“É isso que eu quero. Eu quero contribuir com meu planeta, eu quero contribuir com as pessoas. Eu quero receber delas o melhor que elas tem e dar o meu melhor. Eu quero me fortalecer, né?” - Dete Lima

Além disso, é possível evidenciar uma conexão com a cultura afro em seus discursos visando a valorização como algo importante para elas:

“Mas por ser uma. Uma peça diferenciada, que também dialogava com um contexto histórico, né? Não é uma peça produzida em grande escala. Tem tudo isso. Porque as peças que a gente cria, os afroempreendedores, eles tem. Bastante histórica, né? Não é uma blusa de viscose, não é só viscose, né? Ela tem. Ela traz alguma coisa, Ela traz um pedaço do tecido africano. Ela conta a história daquele tecido africano. As pessoas que fazem a questão da bijuteria, né também? Então tem essa pegada. Tinha essa questão atual também, tinha a produção.” - Laudelina de Campos Melo

“É a principal motivação. Uma vez uma cliente falou assim para mim e eu estou muito feliz com esse acessório, porque eu não me via nesse lugar. Uma mulher negra que não achava o nariz dela bonito, o nariz largo, entendeu? Esses acessórios já são muito antigos dos ancestrais, entendeu mesmo? Eu só modifiquei ele para ficar um pouco mais moderno. E realmente, as pessoas têm muita dificuldade, pelo menos antigamente, né? Hoje em dia as pessoas já aceitam mais os nossos traços, né? Mas eu mesma me acho muito mais bonita de nós do que no nariz. E meus clientes também. Isso me deixa muito, muito, muito feliz mesmo ver que eu estou ajudando na autoestima das pessoas.” - Ruth de Souza

4.1.2 *Ativismo Social*

Apresenta-se como a conexão que essas mulheres possuem com movimentos sociais e causas relacionados à negritude e/ou feminismo, por exemplo, sendo possível perceber que isso possibilita ela estar conectada à outras pessoas que estão passando pela mesma luta, que entendem seus desafios e medos, acima disso, estão dispostos a pensar em soluções e alternativas em conjunto para melhorar uma situação coletiva e não apenas individual.

“A gente acompanha o impacto que a gente gera, porque assim o nosso foco é reduzir a violência doméstica, reduzir desigualdade de gênero, reduzir desigualdade de raça e ampliar a autonomia econômica de mulheres nesses quatro focos.” - Antonieta de Barros

“Essa questão da liderança comunitária e eu sempre trabalhei com grupos de mulheres e na pauta da questão das mulheres, mas também na pauta da infância, né? Então, em maioria dos meus trabalhos eles são foram voltados para a infância, para a geração de renda...” - Laudelina de Campos Melo

Além disso, percebe-se a importância do descobrir-se negra para o entendimento de muitas situações passadas ao longo da vida, bem como a diminuição do sentimento de solidão e como é possível contribuir para uma mudança de cenário.

“Daí eu passei a conhecer o mundo que para mim era um desconhecido, que era de movimentos sociais. Porque de repente você pensa mas não acho que é só você que pensa. Tem 1001 pessoas também que pensa igual a você, né? Aí entra o feminismo, que me descobri como uma mulher negra. Me descobri como uma mulher de luta. Entrei dentro da caminhada da Economia Solidária há 15 anos atrás.” - Dandara dos Palmares

“Porque eu lembro até de uma. Não sei se era um seminário, algo assim, que a Nátaly Neri, que antes da influência youtuber que ela explica que a gente não se reconhece como negro, a sociedade ensina para gente que a gente é negro. Então chegou para mim que eu era negra muito antes de eu me entender como uma pessoa negra, que as pessoas já me apontavam, já passava casos de racismo, dentre outras coisas, e eu não entendia por que eu passava aquilo. Então eu entendi que eu era um indivíduo, né, negro a partir da sociedade. E foi a partir daí que eu comecei a entender aos poucos todo esse processo, todo esse trâmite...” - Maria Firmina dos Reis

“Outro dia eu tava até comentando com algumas amigas que eu sofria preconceito sem saber o que era preconceito... Primeiro por ser mulher. E segundo, por estar dentro de um setor de tecnologia da informação que é totalmente masculino, né? Segundo, ser uma mulher preta, periférica, sem formação, sem nível superior.” - Dete Lima

“Tipo, tipo assim como eu te disse, eu tenho um tempo muito diferente de entender as coisas, sabe de tudo. E eu passar por uma situação hoje e sei lá, eu só ter o total discernimento sobre isso daqui a alguns meses, daqui alguns anos, quiçá.” - Teresa de Benguela

Também pode-se observar os efeitos do distanciamento com os movimentos e causas sociais, como o desânimo e desmotivação advindos do sentimento de estar lutando só uma batalha muito maior do que si, como relata uma delas:

“Como pessoa negra, eu me sinto muito, às vezes até sufocada assim, de ver que. Às vezes eu não de. De saber que eu não vou conseguir. Não porque eu não tenha capacidade de nada, mas. Aí é muito mais difícil, né? Difícil. Cinco vezes mais, né? Tanto pelo fato. Pela questão de conseguir, não de publicidade, mas. De conseguir chegar em algum lugar que não é uma linha reta. Quanto pela questão de acreditar mesmo. Às vezes eu não tô acreditando.” - Marta da Silva Vieira

É importante salientar que 8 das 10 empreendedoras apresentaram a visão de conexão do seu negócio com seu propósito e o ativismo social, evidenciando uma maior motivação e ânimo diante das adversidades.

4.1.3 Classe Social/Necessidade

Uma característica que pôde ser observada na jornada de algumas empreendedoras foi o empreendedorismo por necessidade, sendo marcado por um início muito precoce na vida delas, visando contribuir com as despesas da casa ou ter seu próprio dinheiro, como algumas falas exemplificam:

“Mas com 15 anos eu realmente comecei a contribuir financeiramente com a casa, né? Porque só a renda da minha mãe não dava, ela ganhava muito pouquinho.” - Antonieta de Barros

“Então, com 16 anos eu comecei a trabalhar, fui procurar a minha independência, né? Justamente por não achar justo só uma pessoa ter encarregado de cuidar de sete filhos.” - Dandara dos Palmares

“Eu trabalho desde muito nova, mas por incrível que pareça, o mercado é tão doído.” - Teresa de Benguela

4.1.4 Luta pelo espaço

Um fator que apresentou-se de maneira forte na fala de algumas empreendedoras foi a questão da luta para ocupar e se manter em determinados espaços, sendo evidenciado uma solidão por ser a única pessoa negra em muitos desses cenários.

“foi muito difícil, porque eu não cabia naquele espaço. Aquele espaço não era para mim. Mas eu sou teimosa e ainda assim, apesar de eu não caber naquele espaço, sofri” - Antonieta de Barros

“E eu era a única pessoa negra da história, né? Então, quando eu cheguei numa reunião com a gestão, as pessoas se referiram à advogada do projeto que ela era a mulher branca e não a mim, que acho que sempre tem esse, esse, essa relação, né? Que quem é que né? Quem é que tá no poder? Não, não, essa com certeza não. Ela não tem. Ela não tem perfil de liderança. Liderança é a pessoa branca, a mulher branca, maquiada.” - Laudelina de Campos Melo

“Mas foram diversos os desafios, principalmente ocupar locais elitizados, né? Hoje em dia, tipo, tem muitas feirinhas assim nesses espaços culturais e existe uma concorrência e uma rivalidade muito grande nesse mercado. E a maior parte da galera que atua que eu conheço nesse ramo são pessoas bem privilegiadas. Então, chegar lá já é uma burocracia gigantesca e estar lá é mais ainda, porque a forma como é que eu posso dizer da manutenção da branquitude faz com que a gente não se sinta merecedor de estar nesses locais.” - Maria Firmina dos Reis

“eu sei em determinados locais o que eu tenho que usar e tudo, mas a gente se torna invisível em determinados locais por conta da cor mesmo, né?” - Dandara dos Palmares

Ainda faz-se necessário trazer a luz a existência de uma disparidade entre a comunidade negra nordestina e a do sul e sudeste citada por uma das entrevistadas.

“Essa galera do black twitter do brasil era uma galera assim negra, mas negra do sul e sudeste e muitas vezes a gente tentava comentar nas discussões, nas threads que eles faziam, mas a gente não era ouvido, essas pessoas ignoravam a gente, sabe, a gente se sentia assim, ignorados, a gente, nós negros nordestino.” - Carolina Maria de Jesus

Um ponto que veio à tona foi um olhar mais voltado para a criação de novos espaços que possam nos acomodar em vez de tentar se encaixar ao do outro.

“Eu acho que cria-se um imaginário de que pessoas negras elas tem que

ocupar todos os espaços. Eu, em contrapartida, hoje em dia já penso diferente. Eu creio que nós, pessoas negras, a gente tem que criar os nossos espaços, sabe? Porque não adianta a gente querer estar dentro de espaços que são embranquecidos, que a gente já entende que dentro daquele espaço, por mais que a gente se insira lá dentro, o processo de manutenção para se instalar ele custa muito caro.” - Maria Firmina dos Reis

“Hoje eu procuro não não pensar mais muito nessas coisas assim é porque é uma questão de espaço, de você demarcar o seu espaço dentro dessa sociedade machista, patriarcal, preconceituosa, que já vem de berço dentro das pessoas. Porque a pessoa tem uma pele escura, não tem condição de ter de entrar numa loja, participar de um evento. Somos. Somos realmente invisíveis para muitas pessoas? Somos sim.” - Dandara dos Palmares

4.1.5 Influência da família e mentores

Refere-se ao acesso a exemplos de empreendedores dentro da família, ao contato por meio dos familiares, a forma de produção, bem como o incentivo e apoio que receberam deles no seu negócio.

“ Só que desde pequeno eu tive muito contato com o empreendedorismo. A minha mãe, ela sempre gostou muito de empreender. Ela fazia bolos em casa, dindins para vender quando eu era criança. E aí eu fui crescendo, vendo ela fazer aquilo.” - Maria Firmina dos Reis

"Então eu peguei o exemplo dessas pessoas que me mostraram que tipo, você não precisa só do mercado convencional, você não precisa ter um patrão para você ter um trabalho e para você conseguir renda. Então foi basicamente nisso que elas me influenciaram." - Teresa de Benguela

“ Então, eu. Eu tenho um envolvimento com a militância dos movimentos populares desde que eu me entendo de gente, porque a minha mãe era uma liderança comunitária.” - Laudelina de Campos Melo

Já pelo olhar dos mentores, atribui-se uma forma de pensar em momentos de conflito, fornecendo orientações capazes de contribuir substancialmente para a história dessas mulheres. Apenas duas empreendedoras fizeram menção a influências dessas pessoas, mas é importante mencionar pois elas ocupam um espaço de influência através de lugares de liderança em coletivos ou impactando outras mulheres a empreenderem, sendo responsáveis por um impacto em grande escala.

“Aí essa professora chegou... você ganhou uma oportunidade. E essa oportunidade assim, um cavalo branco. Toda vida que uma oportunidade passar na sua frente, nem que seja pendurada. Pelo pé ou pelo cabresto. O pé enganchado no cabresto do cavalo branco sendo arrastada por quilômetros. Mas você não desgruda desse cavalo branco. Você vai até o fim com ele. Ela quis dizer a questão de nunca, jamais eu deixar nenhuma oportunidade que passasse na minha frente passar, porque ela se chegou até você é porque era para você. Deixar passar não é sabedoria.” - Antonieta de Barros

4.2 DESAFIOS

Quanto aos principais desafios vivenciados tanto durante o início do negócio quanto atualmente, foi possível observar quatro categorias principais, sendo: 4.2.1 Falta de Oportunidade no Mercado de Trabalho; 4.2.2 Captação de Recursos; 4.2.3 Administração; 4.2.4 Precificação.

4.2.1 Falta de oportunidade no mercado de trabalho

Como foi exposto anteriormente, o empreendedorismo feminino negro é marcado pela necessidade e não pela oportunidade, o empreender da mulher negra vem do desemprego, do precisar encontrar alguma renda para prover para ela e sua família. Sendo que cinco relataram essa dificuldade de encontrar emprego ou estágios em suas áreas, levando-as a pensar em formas criativas de resolver o problema.

“Eu tenho necessidade. Eu não tenho outro trabalho. Eu não consigo carteira assinada, não tem. Então a gente vai vivenciando essa dificuldade.” - Laudelina de Campos Melo

“Só que eu só decidi começar a empreender quando tava na época da pandemia que eu me vi desempregada. E aí eu tava precisando de dinheiro, não sabia o que fazer, a gente não tava podendo sair de casa.” - Maria Firmina dos Reis

“Tá precisando e amanhã que vai continuar precisando. Só que hoje em dia. É por essa necessidade de tipo assim tem que fazer dar certo, tem que fazer dar certo, tem que fazer dar certo.” - Teresa de Benguela

“E eu tive que usar mais uma vez a minha criatividade, porque eu mandava currículo todos os dias eu me levantava para fazer muitos currículos e ia atrás de trabalho e não era chamada. E meu currículo era bom e meu currículo era bom. Eu comecei a estagiar extra curricular desde o começo da faculdade que eu já sabia que eu precisava de estágio extra curricular para ter experiência. Eu tinha as melhores recomendações dos professores, eu tinha pesquisa Até que um dia Deus revelou no meu coração assim tira a tua foto. E eu tirei minha foto. Fiz uma nova leva de currículos, já com seis meses, formada, sem conseguir nada. E aí eu fiz uma leva de currículo sem minha foto e voltei. Todos os hospitais e clínicas que eu já tinha passado, deixando meu currículo. E pasmem, eu deixei os currículos na quinta. Na sexta eu fui chamada para 11 entrevistas.” - Antonieta de Barros

4.2.2 Captação de Recurso

Por causa desse início turbulento, muitas acabam começando sem preparo e sem o capital de giro necessário, que muitas vezes termina na informalidade.

“Então o que mais dificultou foi a questão do acesso ao capital de giro... A gente acordou que cada um entraria com o que tinha e os serviços que a gente costurava.” - Laudelina de Campos Melo

“ Então, assim, os perrengues mesmo, os problemas que acontecem, é a questão de financiamento, que é complicado a gente ter financiamento que possa nos proporcionar assim um ambiente legal no ateliê, né? Ainda não tô nessa, ainda não tô nessa vibe, mas vou conseguir.” - Dandara dos Palmares

“A parte mais difícil eu acho que foi o dinheiro para investir, que foi muito difícil de eu conseguir.” - Ruth de Souza

“Não tem acesso a Crédito, né? Geralmente quem vai começar ganha dinheiro emprestado de alguém ou até o próprio banco, né? E quando eu comecei, eu fui pensando em alternativas que eu pudesse começar da onde eu estava, com o que eu tinha.” - Marta da Silva Vieira

4.2.3 Administração

Apresenta-se como uma dificuldade em lidar com a gestão do seu negócio, advinda da falta de preparo que o início acaba não proporcionando, e também como lidar com as múltiplas jornadas de trabalho que a mulher enfrenta enquanto chefe de família e empreendedora.

“Eu sabia o que eu queria fazer, mas eu não sabia nada com dinheiro, nada de gestão, nada de administração.” - Antonieta de Barros

“Não é só acessar o crédito, é também como gerenciar isso. E isso é o que se pega. Porque quando você, mulher periférica, mãe de cinco filhos, está empreendendo e está, não está fazendo renda, mas tem aquele recurso ali que você conseguir. Com financiamento, você vai gastar.” - Laudelina de Campos Melo

4.2.4 Precificar

Caracteriza-se como um medo de impor uma precificação - vista como justa e adequada ao mercado considerando a qualidade do seu trabalho, dos materiais e o tempo despendido na criação do produto e serviço - levando os clientes a deixarem de consumir, bem como pode-se observar resquícios da influência da baixa autoestima sobre o se sentir merecedora.

“Assim como às vezes eu faço um produto como esse e eu achar que esse produto aqui não vale nem 10 R\$, ninguém vai comprar isso. Aí vem uma pessoa dizer isso é tudo isso que é maravilhoso. Isso aqui é 200 R\$. Tem certeza? Eu acho que tem, eu tenho certeza, 200 R\$... . Porque eu já entendi que é uma barreira minha.” - Marta da Silva Vieira

“E a minha autoestima era muito baixa, Então eu tinha muito medo de as pessoas não comprarem ou de aumentar o preço e as pessoas não quererem não querer comprar mais, entendeu? De não dar certo?” - Ruth de Souza

“Não ter medo de precificar, que às vezes a gente fica com medo de precificar. Mãe, o seu produto é bom. A senhora só usa matéria prima de boa qualidade. A senhora é caprichosa.” - Marli Pereira Soares

4.3 COMPORTAMENTOS DE SUPERAÇÃO

Os comportamentos mapeados representam as formas utilizadas pelas empreendedoras para enfrentar os diversos desafios que perpassam sua trajetória, sendo identificados no discurso delas e agrupados em categorias que permitam uma interpretação alinhada às falas relatadas, como 4.3.1 Sororidade; 4.3.2 Aquilombamento; 4.3.3 Resiliência; 4.3.4 Aprendizado contínuo.

4.3.1 Sororidade

De acordo com a Academia Brasileira de Letras, sororidade é definido como sendo: “Sentimento de irmandade, empatia e união entre as mulheres, por compartilharem uma identidade de gênero; conduta ou atitude que reflete este sentimento, especialmente em oposição a todas as formas de exclusão, opressão e violência contra as mulheres.” Foi através dessa interpretação que definiu-se essa categoria, relacionando o vínculo existente entre mulheres e refletindo no apoio que estas receberam.

“Quem me ajudou foi uma mulher que me deu a mão, foi uma mulher. E tudo que foi acontecendo depois disso, as mulheres entendiam a dor que eu tava passando, porque talvez em algum momento elas também já tinham passado aquela dor. A maioria das mulheres sofrem violência.” - Antonieta de Barros

“O fato de cuidar dessas pessoas era uma forma de automaticamente também estar me cuidando, porque o recorte de pessoas que procuram pelo meu trabalho são mulheres, a grande maioria também adoecidas por várias questões e tal. Então, tipo assim, ouvir também a história delas e fortificar cada vez mais o meu entendimento, sabe? ... Então eu acho que o fato de ouvir muito relatos, histórias, ser atravessada por várias pessoas que dividiam também a vida delas e tal, me ajudou a superar as minhas próprias questões, me ajudou a superar as minhas próprias dores.” - Teresa de Benguela

4.3.2 Aquilombamento

O ato de aquilombar refere-se à reunião e união de pessoas negras, de maneira a pensar em alternativas e soluções juntos, bem como enfrentar os desafios, diminuindo o sentimento de solidão e de impotência frente a preconceitos estruturais dentro da sociedade. A partir das falas, foi possível observar que essa movimentação trazia ânimo e motivação em momentos de cansaço mental, além do entendimento que essa é uma luta coletiva e não individual.

“ Eu sei, eu sei, eu acho que tá no coletivo, eu acho assim. Eu acho que isso ajuda a você. Quando você tá isolado você, você não consegue perceber, né? A

sua potência, né? O quanto você pode. Então, acho que o que hoje, que o que me fortalece aqui, né? E a gente tá em coletivo.” - Laudelina de Campos Melo

“ Se a gente não se juntar como a gente já vem na estrada com a economia do negro, fazendo os enfrentamentos, convidando as pessoas para participar, fazendo esse entendimento também que tem que a gente também, que não, não entende essa luta, né? E que acha que é tudo muito fácil. E não é. Tem que ter sim o coletivo para a gente se apoiar umas às outras.” - Dandara dos Palmares

“...que seria estar me inserindo com as pessoas que eu considero que são meus iguais, em locais que eu sei que as pessoas que estão ocupando ali elas entendem as minhas dores, elas entendem os meus desafios cotidianos. Por isso que quando eu falo muito dessas potências que eu acompanho, dessas pessoas que estão fazendo moda, principalmente aqui em Fortaleza, são pessoas que eu pego como referência porque têm vivências parecidas com a minha. Porque eu entendo que os desafios eles sempre vão estar lá. Eu só escolho qual deles eu vou investir a minha energia e a minha saúde para tentar acabar com eles de alguma forma.” - Maria Firmina dos Reis

4.3.3 Resiliência

Essa categoria considera uma forma de pensar e visão de mundo muito semelhante percebido nas falas de cinco das empreendedoras, que mostravam a necessidade de olhar o lado positivo das situações, sempre buscando tirar o melhor de cada cenário e acreditar nas suas capacidades, que podem ser evidenciadas através de alguns desses relatos, como:

“Dos processos, dos obstáculos. E eu digo caramba, eles querem me ouvir. Então, a minha história é importante Ninguém pode dizer que ela não é. E eu não vou deixar ninguém dizer que ela não é. Eu construí ela, né? Eu construí ela. Então ela é muito importante pra que outras pessoas também entendam. E quando você tá achando que é o fim, não é o fim. É você que vai determinar que é o começo de algo que você tem que fazer, que você ama.” - Dete Lima

“Mas era. Mas foi isso também. E muita coisa envolvida, muitos perrengues que a gente passa e vai caminhando, né? Vai, vai sabendo caminhar, vai aprendendo, né? E tudo é um aprendizado, né? Você vai aprendendo. Passei por muitos perrengues.” - Dandara dos Palmares

“Ele contava a história de uma menina que tinha acontecido toda a desgraça do meio do universo com ela. E para ela conseguir sair daquilo. Ali ela jogava o jogo do contente. De tudo de ruim que acontecia com ela. Ela olhava e criava o que poderia sair de bom a partir daquilo que era ruim. E ela me ensinou a jogar o jogo do Contente. Com a leitura daquele livro. E eu decidi que daquele dia em diante eu ia jogar o jogo do Contente. E eu jogo até hoje o jogo do contente. É saber tirar a lição positiva que cada situação difícil da sua vida lhe apresenta. E eu faço isso até hoje.” - Antonieta de Barros

4.3.4 Aprendizado contínuo

Por fim, destaca-se que cinco das entrevistadas relataram ser essencial estar sempre buscando aprender com cada dificuldade, se atualizar das demandas

mercadológicas, bem como da qualidade e procedência dos seus materiais. Objetivando esse aprendizado contínuo em todas as fases e cenários. Como é possível observar na fala de algumas delas:

“Até mesmo porque quando você parte para ter um um negócio próprio, onde você vive, do que você faz, você tem que se atualizar. Não adianta, não adianta ... Você tem que estar atendida, você tem que estar por dentro de muitas coisas, né?” - Dandara dos Palmares

“Eu sou essa pessoa porque já fiz várias, vários investimentos em relação a estar me qualificando mesmo e em todas as em todas as áreas que eu busco, né? Essa qualificação o discurso é o mesmo, né?” - Teresa de Benguela

“E eram coisas que eu estudava, que eu trabalhava e que eu precisava toda hora estar afirmando que eu era capaz de estar ali, que eu entendia do que eu estava falando e eu entendia de onde vinha o material, a obra prima para poder fazer aquelas peças. Mas aconteceu diversas vezes assim.” - Maria Firmina dos Reis

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi analisar como as empreendedoras negras enfrentam e superam os desafios na sua trajetória empreendedora, refletindo sobre o impacto da intersecção de raça e gênero, conceitos sociais que perpassam sua realidade e que representam perspectivas diferentes. Dessa forma, nessa construção, discutiu-se as adversidades que a população negra e feminina encaram no mercado de trabalho, como isso molda a realidade da mulher negra e como o empreendedorismo se torna uma ferramenta de sustentação financeira advinda da necessidade.

Percebeu-se que o empreendedorismo feminino negro possui suas raízes fundamentadas, principalmente na necessidade advindas da falta de oportunidade de mercado de trabalho, mas que o senso de propósito e o ativismo social que desenvolvem refletem-se na sua motivação e ânimo frente aos desafios - como o medo de precificar seus produtos, dificuldades no acesso ao crédito e de administração de seus negócios - e luta para ocupar e criar espaços que possam recebê-las. Dessa maneira, foi possível chegar à sororidade, aquilombamento, resiliência e o aprendizado contínuo como comportamentos de superação de maneira a reduzir a invisibilidade e possibilitar a mobilidade social destas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Elson Thales et al. Motivação do afroempreendedorismo feminino e a economia étnica: um levantamento da percepção em São Luís (MA). **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, v. 9, n. 1, p. 16-29, 2021.

BONOMO, Juliana Resende. O tabuleiro afro-brasileiro: o abastecimento alimentar e a resistência das quitadeiras negras no Brasil do século XVIII. Anais... XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, 2014.

DE AGUIAR, Heraldo Márcio; NASSIF, Vânia Maria Jorge; GARÇON, Márcia Maria. Os desafios da empreendedora negra na gestão de seus negócios. *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies*, v. 15, n. 1, p. e0648-e0648, 2023.

DOS SANTOS BAIA, Larissa Maria; COSTA, Ramon Bezerra. Afroempreendedorismo feminino: uma trajetória entre resistência e precarização. *Diálogo com a Economia Criativa*, v. 7, n. 21, p. 78-90, 2022.

DUARTE, Giovana; SPINELLI, Leticia Machado. Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. **Revista Sociais e Humanas**, v. 32, n. 2, p. 126-146, 2019.

MACHADO, Simone Silva Porto; PAES, Kettle Duarte. Os desafios enfrentados pelas mulheres negras empreendedoras na cidade de Rio Grande-RS. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 5, p. 45693-45715, 2021.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NERY, Carmen. BRITTO, Vinícius. Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. Agência de Notícias IBGE, 11 de ago. de 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>>. Acesso em: 08.11.2023

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

OLIVEIRA, Josiane Silva; PEREIRA, Jaiane Aparecida; DE SOUZA, Márcia Cristina David. Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008. **Contextus–Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 11, n. 2, p. 7-30, 2013.

SILVA, SKV; SOUZA, A. B. A identidade na atualidade da mulher negra no Brasil. **Revista NEIAB**, Maringá, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2017.

SORORIDADE | Academia Brasileira de Letras. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade>> Acesso em: 15.11.2023.

Murphy, D. M. (2022). Aquilombamento, Entrepreneurial Black Placemaking in an Anti-Black City. *Sociology of Race and Ethnicity*, 8(2), 235-249. <https://doi.org/10.1177/23326492221077945>